

Destaque Rural Nº 168

21 de Abril de 2022



BALANÇA COMERCIAL ALIMENTAR: COME-SE O QUE NÃO SE PRODUZ E PRODUZ- SE O QUE NÃO SE COME

Yara Nova e João Mosca¹

1. INTRODUÇÃO

O presente texto é parte dos resultados da pesquisa sobre transformação estrutural da economia e da agricultura em curso no Observatório do Meio Rural, durante o ano de 2022. Para além do texto final, serão produzidos pequenos trabalhos sobre aspectos específicos do tema.

O presente estudo, abrange o período 2001 a 2020, o que permite analisar as tendências das principais variáveis relacionadas com o tema. Para este Destaque Rural, foram utilizadas fontes secundárias do Banco de Moçambique e da *Food Agriculture Organization of the United Nations* (FAO). Neste texto parcial, é analisada a evolução das principais variáveis do comércio externo (exportações e importações) e seus principais indicadores, a balança comercial que foi dividida em balança comercial agrícola e alimentar.

A análise dos dados foi estruturada da seguinte forma: (1) análise das exportações totais, agrícolas e alimentares e dos cinco principais produtos exportados; (2) análise das importações totais, agrícolas e alimentares e dos cinco principais produtos importados; e, (3) análise dos indicadores da balança comercial (saldo e taxa de cobertura).

2. BREVE CONTEXTO

Desde 1987, especificamente, após a liberalização da economia, tem-se configurado uma economia assente no extractivismo de recursos naturais, crescentemente especializada no sector primário. Na verdade, esta tendência centrada no sector primário tem as suas raízes na época colonial, no âmbito das funções de Moçambique como colónia, que era de produzir matérias-primas para abastecer indústrias fabris em Portugal (Chilonda *et al.*, 2011).

¹ Yara Nova, licenciada em Economia e mestre em Economia e Políticas Públicas e assistente de investigação no OMR. João Mosca, Doutor em Economia e Sociologia Rural, pesquisador do OMR.

Esta afirmação encontra fundamento, quando analisados alguns indicadores económicos (PIB, estrutura das exportações e importações, e investimentos), em que o crescimento é maioritariamente sustentado pelos mega projectos, extracção de recursos mineral-energético (alumínio, gás, energia eléctrica e carvão mineral) e no sector agrícola onde predomina a exploração de recursos florestais e as culturas de rendimento, como o tabaco, algodão, açúcar e o caju, cujo o destino final são as exportação (Castel-Branco & Mandlate (2012), Orre & Rønning (2017).

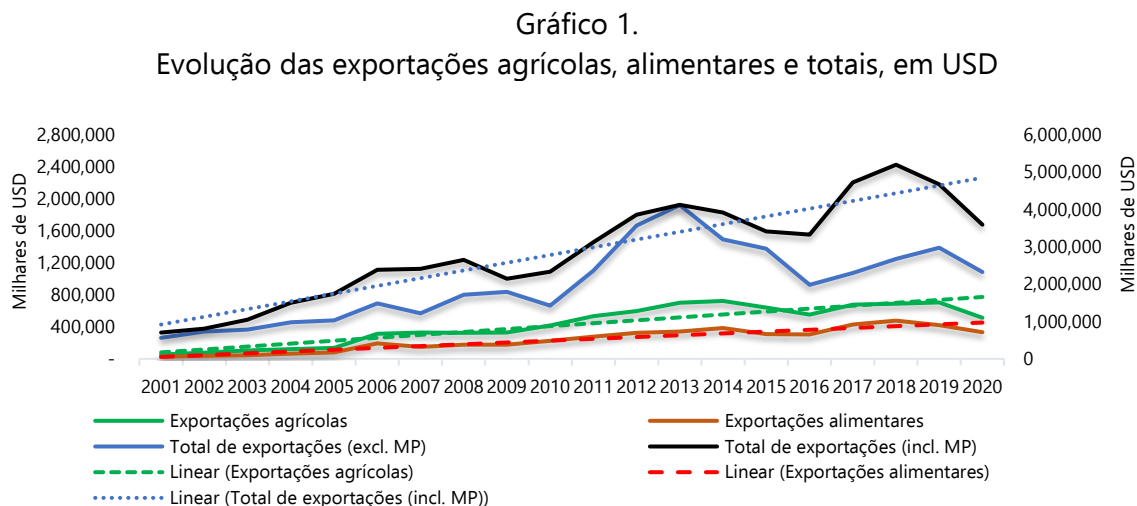
Uma economia assente no extractivismo de recursos naturais possui uma forte sensibilidade a choques do comércio internacional (reflexo das crises internacionais e da volatilidade dos preços), particularmente com influência sobre a variação da taxa de câmbio, e dependente do investimento externo, da ajuda da cooperação internacional, das receitas das exportações e do Orçamento Geral do Estado (Mosca *et al.*,2021; Chavana, 2008).

Quando analisadas as variáveis do comércio externo em Moçambique, verifica-se, por um lado, um rápido crescimento das exportações, impulsionadas por um elevado volume de Investimento Direto Estrangeiro (IDE) e de matérias-primas, e, por outro lado, importação de bens de consumo. Isto é, produz-se o que não se consome e importa-se o que se consome, o que contribui para a persistência de elevados índices de dependência externa alimentar e insatisfação das necessidades alimentares, componente principal da prevalência dos elevados níveis de pobreza, insegurança alimentar e subnutrição (Nova, 2019).

Assim, durante o período analisado neste DR, a balança comercial geral, agrícola e alimentar foi sempre deficitária, o que se justifica por um conjunto de razões, nomeadamente: (1) crescimento demográfico (com taxas médias anuais de perto de 3%) e a crescente migração da população para as cidades com implicações na demanda por bens de consumo e de produtos alimentares e alterações nas dietas alimentares; (2) aumento do rendimento médio por habitante, com efeitos sobre as quantidades procuradas; (3) depreciação da taxa de câmbio a médio prazo; (4) abertura de fronteiras, no âmbito da SADC, e crescente importação de bens (principalmente alimentares); (5) variação dos preços internacionais com efeitos sobre os principais produtos exportados; (6) baixa produção e produtividade nacional com consequências sobre a competitividade no mercado externo, medida pelos preços, qualidade e regularidade da oferta; e, (7) estrutura produtiva orientada para a exportação, principalmente de recursos naturais e de culturas de rendimento (Mosca & Bruna, 2012; Nova *et al.*, 2019).

3. ANÁLISE DE DADOS

a) Exportações



Nota: As exportações totais foram colocadas na segunda escala, para melhorar a visualização dos gráficos.

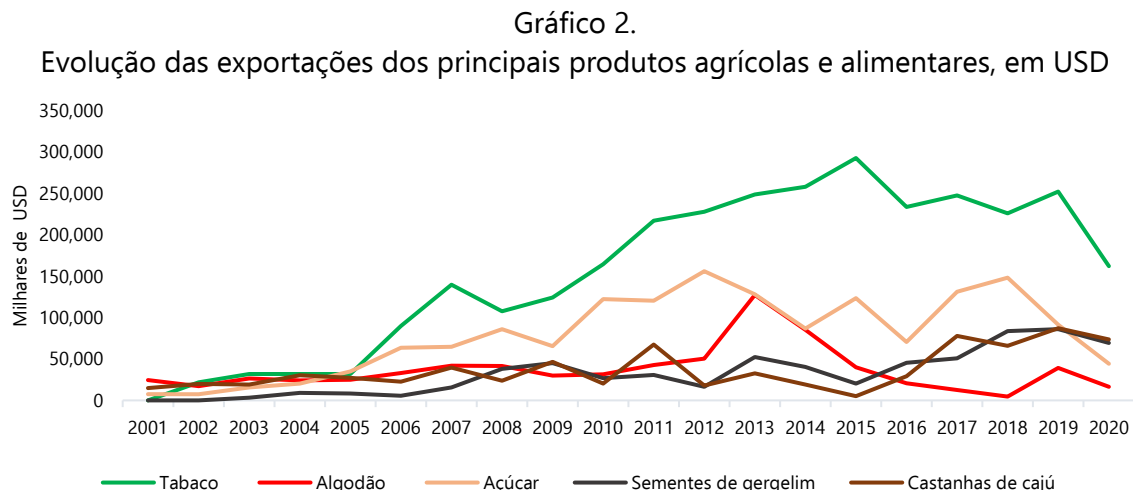
Fonte: BdeM para as exportações totais e FAO para as exportações agrícolas e alimentares.

No gráfico 1 pode-se notar que as variáveis analisadas apresentam variações ao longo da série, mas com tendências crescentes, excepto nos últimos 4 anos. Contudo, apesar das variações observadas e da tendência dos últimos anos, as exportações (totais, agrícolas e alimentares) tendem em aumentar.

Nota-se uma inflexão positiva a partir de 2005, seguida, posteriormente, de uma redução a partir de 2008, justificada pela queda da demanda internacional de preços de combustíveis e produtos alimentares, resultante da crise económica que provocou uma desaceleração da actividade produtiva para exportação. Em 2016, observa-se, novamente, uma queda das exportações, que se deveu a queda dos preços internacionais das principais *commodities* (carvão, algodão e açúcar). (Castel-Branco, 2008; Mosca & Bruna, 2012; MIC, 2016; e Nova *et al.*, 2019).

No período em análise, as exportações agrícolas cresceram a um ritmo acelerado, com taxas de crescimento médio de 18%, em comparação com as exportações alimentares e exportações totais, que registaram taxas médias de 16% e 11%, respectivamente.

No gráfico, constata-se, ainda, o peso significativo dos megaprojectos (MP) nas exportações totais, sustentado pelo peso dos principais produtos do complexo mineral-energético (alumínio, energia eléctrica, carvão mineral e gás).



Fonte: FAO.

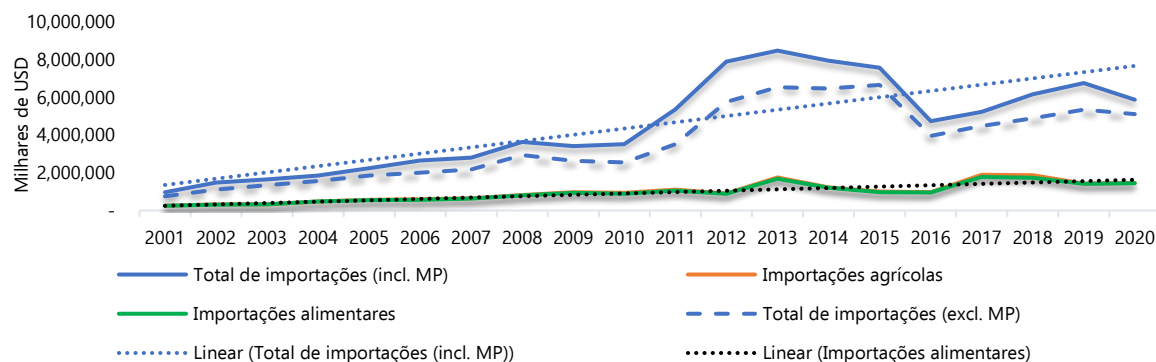
As exportações dos principais produtos agrícolas e alimentares variaram significativamente ao longo da série em análise. O algodão destaca-se por registar uma queda acentuada a partir de 2013, em cerca de 65%, devido a factores climáticos e chegada tardia de insumos e em particular de sementes ².

Verifica-se, ainda, que o crescimento das exportações de tabaco foi superior ao crescimento das exportações dos restantes produtos a partir de 2005, apresentando uma taxa de crescimento médio anual de 18% durante o período. De acordo com os dados, o tabaco atingiu o valor máximo de exportações em 2015. Este crescimento deveu-se ao aumento da produção e do preço no mercado internacional.

2 Ver em: <https://www.dw.com/pt-002/clima-e-log%C3%ADstica-comprometem-produ%C3%A7%C3%A3o-de-algod%C3%A3o-mo%C3%A7ambicano/a-17158003>

b) Importações

Gráfico 3.
Evolução das importações agrícolas, alimentares e totais, em USD



Nota: Os valores das importações alimentares e agrícolas são praticamente iguais, pelo que as duas linhas se sobrepõem.

Fonte: BdeM para as exportações totais e FAO para as exportações agrícolas e alimentares.

No gráfico 3 observa-se que as importações totais apresentaram algumas variações importantes. Em 2013, as importações atingiram o pico, resultante de importação de máquinas e equipamentos associados aos investimentos no sector de energia e recursos minerais, principalmente carvão e gás natural, bem como de alimentos básicos, nomeadamente cereais, animais vivos e carnes (Ministério da Indústria e Comércio, 2016).

Nota-se que as importações totais, agrícolas e alimentares, apesar de registarem diferentes ritmos, tendem a crescer, conforme se pode observar pelas linhas de tendências.

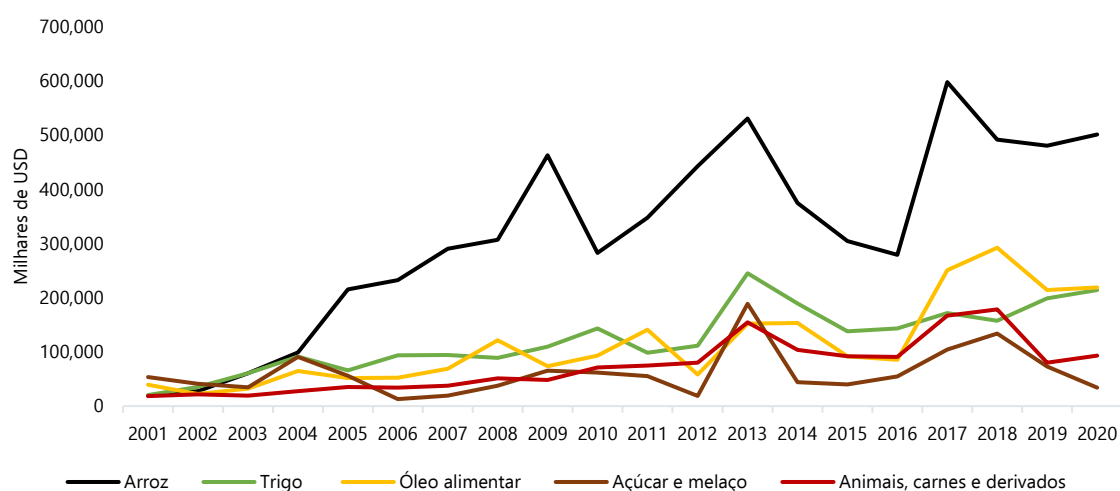
Constata-se, também, o peso significativo dos megaprojectos (MP) nas importações totais, sustentado pelo peso dos bens intermédios (combustíveis, alumínio bruto, materiais de construção, etc.) e bens de capital (equipamentos).

As importações agrícolas e alimentares registaram uma taxa de crescimento de 14% e 13,4%, respectivamente.

As importações de produtos agrícolas e alimentares tiveram um pico em 2013 e 2017. Esta evolução pode ser justificada pelo aumento do volume da importação de trigo e arroz registado nos períodos mencionados.

Gráfico 4.

Evolução das importações dos principais produtos agrícolas e alimentares, em USD



Fonte: FAO.

As importações dos principais produtos agrícolas e alimentares apresentaram oscilações ao longo da série e com tendências crescentes (apesar da redução da importação do açúcar e melação nos últimos três anos).

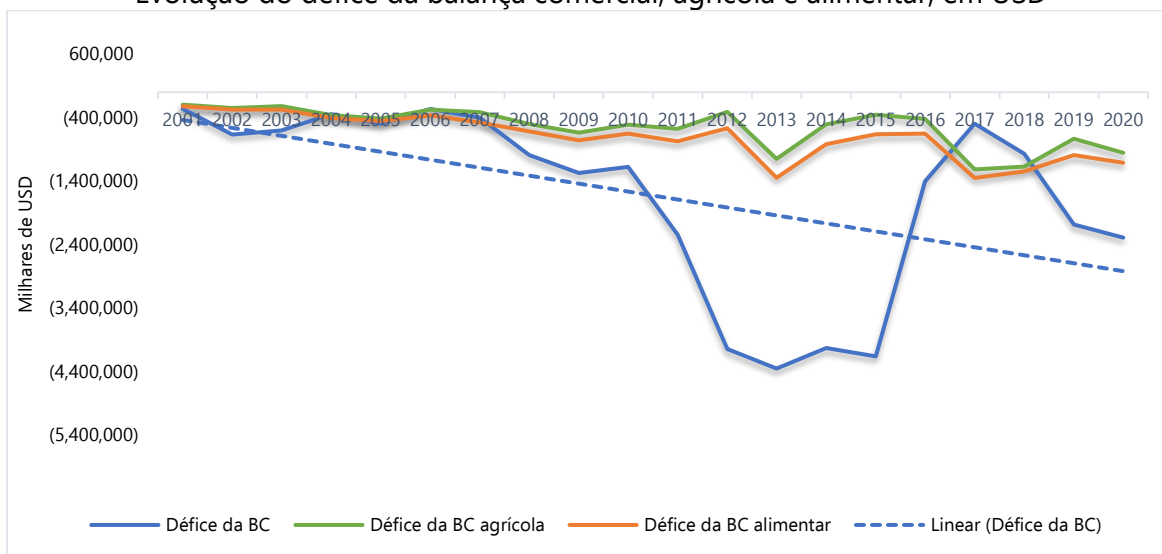
Destaca-se o crescente nível de importações de arroz, trigo e óleo alimentar, justificando-se pelo défice da produção face às necessidades de consumo nacional e pelo facto de, por um lado, Moçambique não ser um país produtor de trigo e o arroz atravessar um período de baixa de produção e, por outro lado, a procura (sobretudo urbana), estar em permanente aumento pelo efeito demográfico e de rendimento.

Nos últimos anos, verifica-se uma tendência decrescente de importação de açúcar, podendo ser justificada pela política proteccionista (quotas de importação de açúcar) utilizada.

O óleo de palma e animais vivos, carnes e derivados, apresentam variações significativas ao longo da série e com tendência crescentes.

c) Indicadores da balança comercial

Gráfico 5.
Evolução do défice da balança comercial, agrícola e alimentar, em USD



Nota: os valores do défice da BC agrícola incluem os bens alimentares.

Fonte: BdeM para o défice comercial e FAO para os outros indicadores.

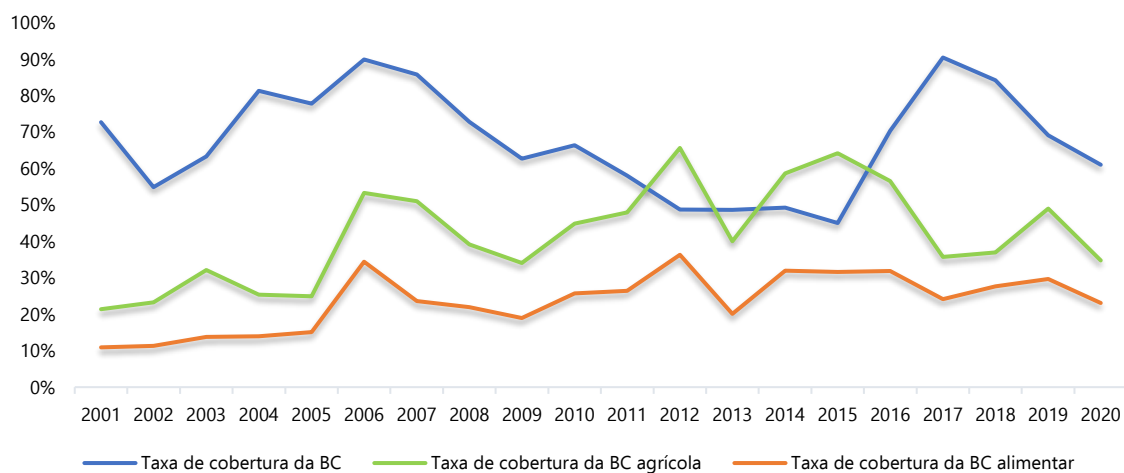
Observa-se, no gráfico 5, que as três balanças apresentam saldos negativos e com tendências de agravamento.

Os défices das balanças comerciais agravaram-se a partir de 2007, tendo, em 2013, registado o défice mais elevado. O agravamento do défice da balança comercial pode ser justificado pelo aumento das importações decorrente do investimento no sector extractivo e no gás natural, bem como dos megaprojectos, como a Mozal e carvão. Entre 2016 e 2017 verificou-se uma melhoria correspondente aos aumentos da produção e dos preços do carvão e do alumínio, bem como das exportações do tabaco.

O gráfico mostra que as Balanças agrícola e alimentar contribuem para o défice da balança comercial e consequentemente para o total do défice da balança de comercial.

Gráfico 6.

Evolução da taxa de cobertura da Balança Comercial, agrícola e alimentar, em USD



Fonte: BdeM para a taxa de cobertura da BC e FAO para os restantes rácios. Taxa de cobertura é obtida dividindo as exportações pelas importações. Mede em que medida as exportações cobrem as importações.

As taxas de cobertura das três balanças comerciais apresentaram variações ao longo da série. Pela Balança Comercial total (BC), verifica-se que o valor das exportações totais cobriu entre 45% e 90% do valor das importações totais.

No caso da balança comercial agrícola, a taxa de cobertura variou entre 23% e 83%. A taxa de cobertura da balança comercial alimentar é mais baixa, tendo-se registado a mais elevada em 2012 (66%) e a mais baixa em 2001 (11%).

4. RESUMO

As exportações totais, agrícolas e alimentares apresentam uma tendência crescente, embora se verifique uma redução nos últimos três anos. As exportações agrícolas cresceram a um ritmo acelerado, com taxas de crescimento médio de 18%, em comparação com as exportações alimentares e exportações totais, que registaram taxas médias de 16% e 11%, respectivamente. Os megaprojectos têm um peso considerável no total das exportações. Dos cinco principais produtos agrícolas e alimentares exportados destacam-se o tabaco e o açúcar;

As importações totais, agrícolas e alimentares também apresentaram tendências crescentes, registando taxas de crescimento entre 15% e 14%, respectivamente. Os megaprojectos têm um peso considerável no total das importações. Dos cinco principais produtos agrícolas e alimentares importados, destacam-se o arroz, trigo e o óleo alimentar.

As balanças comercial, agrícola e alimentar apresentaram valores negativos (deficitárias), o que revela uma baixa produção interna e uma economia dependente de importações. A longo prazo, esta realidade poderá provocar mudanças na estrutura de produção interna causada pelo aumento das importações (inflação importada, aumento do custo de vida, redução da poupança e das reservas nacionais, entre outros).

As taxas de cobertura da Balança Comercial total, da agrícola e da alimentar são baixas, o que revela que os níveis de importação nacional são elevados, isto é, o país importa mais do que exporta. Observa-se que as exportações são de commodities não comestíveis e que a quase totalidade das importações são de bens alimentares, o que fundamenta o título do texto. Isto é o país não produz o suficiente para se alimentar.

Em geral, apesar de estas tendências reflectirem uma crescente integração nos mercados regionais e internacionais, a forte concentração em produtos cuja transformação é reduzida ou inexistente, tem implicações para a economia nacional, e os crescentes níveis de importação contribuem para o agravamento das balanças comerciais e de pagamento.

BIBLIOGRAFIA

CASTEL-BRANCO, N., C. & Mandlate, O. (2012). *Da economia extractiva à diversificação da base produtiva: o que pode o PARP utilizar da análise do modo de acumulação em Moçambique?*. Desafios para Moçambique 2012. IESE, Maputo.

CASTEL-BRANCO, N., C. (2008). *As Consequências directas das crises no panorama nacional moçambicano*. IV Conferência Económica do Millennium Bim “Os efeitos das 3 crises – financeira, produtos alimentares e petróleo – sobre as economias de África e de Moçambique em particular”. Maputo.

CHAVANA, A. (2008). *Determinantes da balança comercial de Moçambique no período 1980 a 2005: seu comportamento e evolução no desenvolvimento económico do país e no contexto da integração económica regional*. Trabalho de licenciatura em Economia. UEM.

CHILONDA, P. et al. (2011). *Monitoring Agriculture-sector Performance, Growth and Poverty Trends in Mozambique*. Mozambique Strategic Analysis and Knowledge Support System (MozSAKSS) - 2010 Annual Trends and Outlook Report.

MINISTÉRIO DA INDÚSTRIA E COMÉRCIO (2016). *Posicionamento de moçambique no comércio internacional fluxos comerciais em moçambique: tendências e medidas de política*. Maputo.

MOSCA, J. & Bruna, N. (2012). *Balança comercial agrícola: para uma estratégia de substituição de importações?* Observador Rural, nº 02, Observatório do Meio Rural, Maputo.

MOSCA, J.; Dadá, Y. A., & Marques, Y. (2021). *Comércio externo e crescimento económico em moçambique*. Observador Rural, nº 106. Observatório do Meio Rural. Maputo.

NOVA, Y. (2019). *Agricultura: produz-se o que não se consome e importa-se o que se consome*. Destaque Rural, nº 62. Observatório do Meio Rural, Maputo.

NOVA, Y.; Dadá, Y., A. & Mussá, C. (2019). *Agricultura em números análise do orçamento do estado, investimento, crédito e balança comercial*. Observador Rural, nº 74. Observatório do Meio Rural. Maputo.

ORRE, A. & Rønning, H. (2017). *Mozambique: A Political Economy Analysis*. Norwegian Institute of International Affairs. Norway.